

## 2012 - O que querem os líderes moçambicanos?!...

O que querem os líderes moçambicanos?&hellip;  
por: Eugénio Costa Almeida©

Afonso Dhlakama, líder do partido da Perdiz, (a Renamo), andava a clamar, ainda e cerca de 20 anos depois, que a Frelimo, não estava a cumprir com os Acordos de Paz de 1992, assinados em Roma. Vai daí que ameaçava juntar os seus antigos guerrilheiros numa das cidades que mais o apoiavam e provocar rebuliços &ndash; tantos quantos os necessários &ndash; para que o Governo Central moçambicano (liderado pela Frelimo, desde a independência) assumisse os ditos erros de casting e fizesse letra os Acordos. Se foi ou não devido às constantes manifestações de denúncia de Dhlakama, o certo é que o Perdiz-mor conseguiu que algumas dezenas de pessoas próximas da Renamo, chamados &ldquo;desmobilizados&rdquo; se juntaram numa das casas-sede provinciais da Perdiz, na Rua Sem medo, ameaçando o actual status quo moçambicano com manifestações nas ruas de Nampula, a chamada Capital do Norte. Recordemos que um dos itens do Acordo de há cerca de 20 anos &ndash; depois deste acordo já houve várias eleições legislativas, presidenciais e autárquicas, pelo que esse item não se justifica mais &ndash; previa que o estado moçambicano prometia " que um determinado número [de ex-guerrilheiros da Renamo] teria o estatuto de polícia para guarnecer as instalações e quadros superiores", do maior partido da Oposição. Ora isto nunca, segundo Dhlakama terá alguma vez acontecido. E volta-se a perguntar se ainda se justifica que o tal item seja mentido até porque, uma parte dos ex-guerrilheiros terão sido incorporados quer nas forças armadas moçambicanas, quer, talvez em menor número, na polícia moçambicana. O certo é que na passada quinta-feira, Dia Mundial da Mulher, Nampula acordou ao som de tiros trocados entre os desmobilizados perdigotos e a Forças de Intervenção Rápida da polícia moçambicana de que terá resultado várias vítimas, uma das quais, segundo fontes da Renamo, o comandante da polícia. A pergunta que se coloca é quem ganhou com este desenvolvimento além de aumentar o receio das populações numa escalada estúpida e imprevisível entre duas forças políticas que só deveriam se guerrear no único palco disponível: o Parlamento e a Comunicação Social. Como é possível que cerca de 20 anos depois ainda hajam armas de fogo &ndash; porque de certeza que a tal vítima mortal terá sido devido a arma de fogo (é pouco crente que só as mãos face ao poder das FIR fosse suficiente para o atingir mortalmente) &ndash; em mãos indevidas quando a única arma que deveria existir, em todas as democracias, seria a Voz e a Pena dos &ldquo;guerrilheiros&rdquo;. Vamos aguardar pelos próximos desenvolvimentos e que o bom senso chegue às cabeças dos líderes políticos moçambicanos. ©Publicado no Notícias Lusófonas, na rubrica "Colunistas" em 10.Março.2012, (<http://www.noticiaslusofonas.com/view.php?load=arcview&article=29745&category=ECA Almeida>)